A NARRATIVA AÇORIANA PÓS-25 DE ABRIL*

Luiz Antonio de Assis Brasil

RESUMO: *L'article se penche sur la littérature des Açores (qui existe depuis le XVIe siècle) dans sa phase contemporaine postérieure à la Révolution des Œillets (la chute du fascisme) au Portugal. Cette littérature portugaise insulaire exprime une vision du monde caractéristique des Açores (différente donc de celle du Portugal continental), correspondant à l'idiosyncrasie qu'on nomme* açorianidade, *laquelle a rapport en premier lieu aux conditions géographiques. Cette notion, qui va de pair avec celle d'insularité, ne fut pas toujours comprise de la même façon par les auteurs qui l'ont traitée. Les lignes de force qui traversent la production littéraire des Açores analysée ici sont l'émigration, la guerre et la conscience de l'insularité, qui sont étudiées à travers quelques œuvres représentatives de la période en question. Finalement, l'auteur fait référence à la "post-modernité" açorienne (années 90).*

PALAVRAS-CHAVE: *literatura contemporânea dos Açores, "açorianidade"-insularidade, linhas de força da literatura açoriana pós-1974.*

---

* Comunicação apresentada a "Portugal contemporâneo: realidade, cultura, literatura", promoção do Subsetor de Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas, DECLAVE, Instituto de Letras e Pró-Reitoria de Extensão, UFRGS, novembro, 1991.

Luiz Antonio de Assis Brasil é romancista e professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

[...] aqui o homem ergue
uma ilha e olha
as palavras cercadas de sal
até onde o olhar se afoga.
Urbano Bettencourt

[...] E um barco na distância:
olhos de fome a advinhar-lhe, à proa,
Califórnias perdidas de abundância.
Pedro da Silveira

1. A literatura, nos Açores[1], é quase tão antiga quanto a própria descoberta do Arquipélago. Data do século XVI a obra *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, considerada o texto fundamental de um *corpus* literário que se foi ampliando no decorrer do tempo; essa atividade foi estimulada por uma imprensa precoce — atente-se para o fato de que o jornal *O Açoriano Oriental*, de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, é o mais antigo jornal português em circulação —, pela criação de estabelecimentos educacionais e pelo intenso trânsito das idéias propiciado pelas circunstâncias geográficas — os portos açorianos, especialmente os de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo (Ilha Terceira) e da Horta (Ilha do Faial) eram escalas imprescindíveis nas rotas entre o Continente e a América. Uma literatura que chega aos nossos dias apresentando multiplicidade de gêneros: embora a poesia tenha sido privilegiada, encontramos exemplos notáveis na narrativa e no drama. Nomes importantes povoam esse universo, entre os quais avultam os de João Cabral de Melo, no século XVIII, Antero de Quental, no século XIX, Roberto de Mesquita — na virada da centúria — e Vitorino Nemésio, no século XX. *Mau tempo no canal* (1944), deste último, constitui-se em significativo marco da literatura em língua portuguesa,

[1] O arquipélago dos Açores — descoberto no século XIV pelos portugueses — situa-se em pleno Atlântico Norte, a 1.200 km de Lisboa, e é constituído por nove ilhas: *Santa Maria* e *São Miguel* (grupo oriental); *Terceira*, *Graciosa*, *Pico*, *Faial* e *São Jorge* (grupo central); *Flores* e *Corvo* (grupo ocidental). A população total ronda os 270.000 hb. Sua economia tem entre seus pontos fortes o turismo, a pecuária leiteira e de corte, bem como a exportação de cítricos, queijo e ananazes. Sob o aspecto político, os Açores são uma Região Autônoma de Portugal, com governo e parlamento próprios; o meio monetário circulante é o escudo português. Telecomunicações avançadas e aeroportos internacionais bem equipados estabelecem o contato com o exterior, e uma empresa aérea regional — a SATA — faz o transporte de passageiros e de carga entre as ilhas. Desenvolvida segundo padrões europeus, a cidade de Ponta Delgada, capital da Ilha de São Miguel — aqui citada apenas como exemplo, por ser da experiência pessoal mais efetiva do autor do presente artigo — possui uma estação de TV (RPT-Açores), várias rádios AM e FM, três jornais diários, dois semanários ilustrados, duas revistas mensais, duas editoras, uma academia de música, uma orquestra de câmara, vários corais, quatro museus, duas bibliotecas públicas (a *Antero de Quental* e a da Fundação Calouste Gulbenkian), três galerias de arte e uma universidade (Universidade dos Açores) com dois mil e cem alunos. Tais itens culturais repetem-se em maior ou menor intensidade nas outras ilhas, especialmente na Terceira e no Faial.

sendo eventualmente indicado pela crítica como o mais importante romance do Portugal moderno.

2. Toda essa produção foi erigida a partir de uma visão própria do mundo e da sociedade, inconfundível com o modo de ser português-continental, e que o citado Vitorino Nemésio definiu como *açorianidade* — termo não isento de uma certa imprecisão, mas compreensível quando se percebem algumas recorrências; mas mais do que isso: quando se identifica um modo "açoriano" de tratar essas recorrências. É José Martins Garcia[2] quem procura conceituar este "modo", e o faz (ao tratar da poesia de Roberto de Mesquita, na obra *Para uma literatura açoriana*, 1987) na identificação de uma *tensão* entre o sentir do *encarceramento* — pois o mar cinge a ilha — e a *infinitude* — o mesmo mar possibilita o sonho da evasão. Este autor trata da *açorianidade* de modo pessoal, na mesma obra: a *açorianidade cultural* deve ser buscada na especificidade da literatura açoriana[3], e não ao contrário:

> (...) não necessitamos de qualquer substância pré-determinada para que exista uma literatura açoriana. A cultura açoriana é que necessitaria de extrair das obras literárias as características aptas à reelaboração do conceito de Açorianidade *lato sensu* (p. 22).

Já Onésimo Teotónio Almeida assume atitude radical e exclusiva quanto ao assunto, na obra *Açores açorianos açorianidade* (1989), ao dizer:

> Açorianidade é a açorianidade de quem o diz (...) Açorianidade é aquilo que são e querem ser os açorianos. E esse conceito alargar-se-á sempre que o mundo de qualquer açoriano se alargar mais (p. 169).

Inevitável afirmar: a *açorianidade* traz seu cariz de orgulho pela situação de ilhéu, que faz com que o açoriano reivindique para si uma outra escala de valores éticos e sociais, distinta do Continente e, quiçá, melhor. Seria incorreto chamar de *bairrismo* a esse sentimento, pois o transcende em muitos aspectos: enquanto o *bairrismo* considera *o outro* como a síntese dos males e estabelece uma visão dicotômica da realidade nacional, o

[2] José Martins Garcia, natural da Ilha do Pico, é professor na Universidade dos Açores e ex-Vice-Reitor da mesma Universidade.

[3] A produção literária dos Açores gerou uma correlata e simultânea — mas não ociosa — discussão a respeito da existência ou não-existência de uma *literatura açoriana*. O debate tornou-se agudo por ocasião das tentativas de independência das ilhas, mas ainda hoje propicia atitudes discordantes: críticos e autores perpassam posições que vão desde a negativa pura e simples até à afirmação plena, passando por denominações intermediárias, como "literatura portuguesa de expressão açoriana" — tal como ocorre em outras literaturas derivadas, de cariz localista. Urbano Bettencourt, na obra *O gosto das palavras* (BETTENCOURT, 1983, p. 86-87), entretanto nos assegura: "... aquilo que, em termos literários, se faz *nos Açores* pode passar muito bem sem o critério ou crivo da *literatura açoriana*: teremos, fundamentalmente, de tentar lê-lo segundo uma óptica estritamente literária". O fato é que o estudo da Literatura Açoriana já pertence aos cursos acadêmicos regulares da Universidade dos Açores — disciplina criada em 1985, ora a cargo de Urbano Bettencourt — e da Brown University — disciplina criada em 1978 e regida atualmente por Onésimo Teotónio Almeida —, e tende a estabilizar-se com um corpo investigativo próprio.

açorianismo não aparta o açoriano da comunidade portuguesa — mas o *identifica* perante seus patrícios continentais.

Unida a essa idéia da açorianidade, e quase se confundindo com ela, situa-se a questão da *insularidade*, que ultrapassa o estritamente literário. É um *sentimento* que se expressa pela nostalgia, pela contemplação melancólica da paisagem, dos garajaus que voltam todo o ano, da bruma que tudo obscurece, do mar quase sempre crespo, das tempestades, das nuvens densas e baixas do inverno; significa uma espécie de abandono às inclemências e dificuldades da vida insular, algo indizível mas profundamente experimentado. Como diz Vitorino Nemésio em *Corsário das ilhas* (1956): "Tudo, para o ilhéu, se resume em longitude e apartamento. A solidão é o âmago do que está separado e distante" (p. 69).

3. Pressupondo essas brevíssimas reflexões, e atentando para o fato de que a literatura açoriana já é imensa se considerarmos seus quatrocentos anos de existência, o âmbito de interesse deste artigo contempla apenas, e de modo sintético, a produção narrativa realizada pelos escritores açorianos após o *25 de Abril* — também conhecido como *Revolução dos Cravos* — que, como se sabe, rompeu com o pertinaz consulado de Salazar, instituindo uma sociedade pluralista e democrática e inserindo Portugal na modernidade européia. O período literário em exame caracteriza-se extrinsecamente pela plena liberdade política e cultural, e trouxe à tona autores que, durante a época anterior, tiveram de optar pelo silêncio ou pelo tratamento metafórico dos temas. Incluiremos aqui também os produtores literários que começaram a escrever já sob o novo regime. Todos estão em plena atividade intelectual à época da escrita deste artigo (setembro de 1993).

4. Não é nossa intenção dividir os autores por temáticas, mas evidenciar as vertentes que, grosso modo, correspondem aos itens algo recorrentes na cultura açoriana e que apenas após o 25 de Abril puderam aflorar em toda sua força: 1. *a emigração*; 2. *a guerra*; 3. *a consciência insular*. Atente-se para o fato de que quase todos os escritores tratam, direta ou indiretamente, destas três idéias fundamentais.

5. *A emigração*. O arquipélago conheceu, desde épocas remotas, este fenômeno sócio-econômico. Grandes contingentes humanos tiveram de deixar as ilhas, levados pelo excesso demográfico ou pelo inóspito das condições de uma natureza de escassos solos disponíveis para agricultura e pecuária. O Brasil, por exemplo, recebeu em meados do século XVIII uma onda emigratória considerável, que veio povoar nossas regiões meridionais, mormente Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Mas não só: os Estados Unidos e o Canadá, em época mais recente, também acolheram açorianos, e com tal intensidade, que não é incorreto afirmar que a população estrangeira de açorianos — ou descendentes —, na América do Norte, supera a própria população dos Açores. Esse fato não poderia passar em branco na literatura; ao contrário: é um dos pontos mais versados; e a epígrafe de Pedro da Silveira bem o sintetiza. Oito anos após a Revolução é publicado *Imitação*

da morte, de Martins Garcia. Utilizando um narrador em segunda pessoa, esta obra acompanha a trajetória de Antônio Cordeiro, intelectual-professor que, após experiências em Paris e Lisboa, é levado a aceitar um posto universitário na Nova Inglaterra — ali, transforma-se em uma entidade capaz de refletir sobre a situação dos emigrantes, percebendo-lhes (e em si próprio) a constatação dolorosa do *desenraizamento*:

> Um frio profundo arrepia-te a nacionalidade — esse sobretudo frágil que jamais te confortou. E quando o vento passa a soprar do Atlântico, sonhas com uma pequena lágrima — é mentira — capaz de responder a ilhas e sargaços, águas, águas, águas, milhares de léguas aquáticas onde não encontraste sepultura (p. 208).

A mesma idéia perpassa-lhe a obra *Contrabando original* (1987): aí vemos uma personagem que, após mil peripécias, emigra para os Estados Unidos, mas subverte o rumo habitual da errância, optando por uma solução fantasiosa que procura mascarar a distância e a saudade. Temos, depois, o romance *Gente feliz com lágrimas* (1988), de João de Melo[4], onde se pontencializa o desespero da partida e a ausência de parâmetros na terra de adoção. Nestas duas últimas narrativas percebe-se um percurso idêntico: o retrato inicial das dificuldades da vida insular, a fatalidade da partida e o desenraizamento posterior. Já a vida dos açorianos emigrados para os Estados Unidos está fortemente descrita no livro de contos *(Sapa)teia americana* (1983) de Onésimo Teotônio Almeida. Nesta obra vê-se o quanto o ilhéu nunca deixa de o ser, em que pese a extrema envolvência da cultura e da riqueza estadunidenses. Um outro autor a tratar da emigração é Daniel de Sá[5], com seu *Ilha grande fechada* (1992). O protagonista, já com a saudade conduzindo seus passos, perfaz o percurso dos romeiros da Quaresma, na ilha de São Miguel: durante vários dias acompanha a procissão dos orantes e ao mesmo tempo desvela seu passado; espera-o, ao fim do trajeto, o aeroporto, que o levará para uma viagem sem retorno. Como gesto final e definitivo, sacrifica seu cão, a simbolizar a quebra voluntária dos afetos que ficam. Coloca-se assim a emigração como um caminho ao qual o açoriano se entrega com a compulsão do cumprimento de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo da volta. Uma volta que entretanto nunca é satisfatória: jamais poderá deixar de ser *amarquiano* (americano) e mesmo que construa uma casa — em geral suntuosa — em sua freguesia original, contribua para a igreja e participe das festas comunitárias, todos lhe conhecem a história. Por vezes a situação se inverte, e o conquistado pelo torna-viagem se perde, como vemos em *Pedras negras*, de Dias de Melo[6], que em 1964 — portanto fora de nosso interesse imediato — antecipava o assunto. O lado burlesco da influência americana

[4] João de Melo, natural da Achadinha, Ilha de São Miguel, é professor em Lisboa.
[5] Daniel de Sá, natural da Ilha de São Miguel, é professor na freguesia da Maia (São Miguel).
[6] Dias de Melo, natural da Ilha do Pico, reside em Ponta Delgada (São Miguel)

tratou-o entre outros autores — Cristóvão de Aguiar[7] em *Raiz comovida / a semente e a seiva* (1980), quando se refere à personagem Ti Marchaninho, que, de volta dos Estados Unidos, trouxe uma *grafonola* (gramofone) com a qual tocava "músicas lindíssimas", espantando seus conterrâneos e provocando os ciúmes artísticos do mestre da banda local.

6. *A guerra.* A presente geração de escritores não passou ao largo dos conflitos coloniais da África (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau), deflagrados pela política de Salazar; muitos envolveram-se diretamente na guerra; e as marcas são visíveis no sofrimento das personagens que significam, a seu tempo, o sofrimento do povo açoriano, cuja juventude foi mobilizada para a luta. Levados a um ambiente adverso, na certeza da derrota e não acreditando nas autoridades de Lisboa, foram pacientes de um processo de brutalização em que poucos sobreviveram emocionalmente. Isso está presente em *Até hoje — memória de cão* (1988), de Álamo Oliveira[8], um romance em que a guerra se apresenta como um espaço de sadismo e onde a sensibilidade dos sensíveis é submetida a uma negação forçada e cruel. O mesmo espírito preside *Autópsia de um mar em ruínas* (1984), de João de Melo, onde há a pergunta: "porquê, em que nome, em que lugar e tempo aquelas coisas podiam acontecer ainda" (p. 264) e o exemplar e precursor *Lugar de Massacre* (1975), de Martins Garcia (no tanto que sabemos, o primeiro romance português que tratou da guerra colonial); neste caso, a guerra é vista por seu aspecto também risível, e que muitas vezes ironiza o terror daqueles que eram obrigados a suportá-la.

7. *A consciência insular.* Trata-se de um assunto controverso, porque de início temos de excluir o *regionalismo,* limitante, conservador e passadista, cingido pela intenção apenas documental e que pouco avança no esclarecimento da *anima* açoriana: temos, é certo, a descrição das novenas, da indumentária, dos hábitos culturais absolutamente adjetivos, etc., tudo isso expresso em linguagem convencional e sem literatura — aliás, isso encontramos nas similares manifestações narrativas e poéticas em todos os quadrantes mundiais. Tratamos, aqui, de uma apreciação crítica da realidade açoriana, quase um *olho externo*, que vê e que julga mediante desejável distanciamento. É importante observar que o Arquipélago — dado à sua situação de *meio-do-mundo*, ponte entre continentes, e considerando sua geografia áspera, onde não são raras as manifestações vulcânicas e os abalos de terra — estimulou a imaginação dos europeus antigos, que deram explicações fantásticas quanto à sua origem, chegando ao ponto de considerar os Açores como restos da antiga civilização da Atlântida. Esse rico imaginário necessariamente teria suas conseqüências literárias; e observamos que mesmo os escritores insulares do período pós-25 de Abril referem um passado de lenda; assim, vemos como em *Contrabando original*,

[7] Cristóvão de Aguiar, açoriano, reside em Coimbra.
[8] Álamo de Oliveira, natural da Ilha Terceira, é funcionário público e reside em Angra do Heroísmo, capital da mesma ilha.

de José Martins Garcia, no capítulo XXI, intitulado "O problema das origens", a narração toma contornos mitológicos:

> Conta-se que, em meados do século XIX, um veleiro foi tragado em noite de temporal a Sul da ilha. O único sobrevivente — meu bisavô Saul Rafael — foi encontrado aparentemente morto entre o calhau miúdo, na baía onde desembarcara, séculos antes, Fernão Álvares Evangelho, um dos supostos descobridores da ilha montanhosa e agreste, várias vezes incendiada por vulcões e penetrada por línguas de lume advindas do oceano (p. 92).

Em *Meu mundo não é deste reino* (1983), este último de João de Melo, aparece uma lenda, desta vez a explicar a descoberta e o povoamento do lugar da Achadinha, na ilha de São Miguel. Seria até desnecessário dizer que o tratamento do mito dá-se, nestes dois autores, com forte carga crítica — que passa pela ironia e pela sátira.

Mas para além da lenda, e naquilo que já significa o quotidiano insular, há o registro: na já citada trilogia *Raíz comovida*, e que alcança grande notoriedade no panorama das letras portuguesas, Cristóvão de Aguiar recupera, mediante uma linguagem de forte sabor popular — por vezes indecifrável para estrangeiros —, os teres e haveres culturais das pequenas freguesias açorianas, constituindo-se em um lúcido repositório da pequenez da vida de seres obrigados à convivência. Em Martins Garcia — e aqui evocam-se os romances *A fome* (1977) e *O medo* (1981) e *Memória da terra* (1990) — para além de *Contrabando original* —, o retrato do viver açoriano atinge dimensões de mordacidade insuperável. Tratando da *repetição* (na ilha nada é novo, tudo se repete, há anos, há décadas, há séculos) o narrador faz dizer a personagem Perpétua Rosa, de *Memória da terra*, ao referir-se a um orador fastidioso: "Oh, não se preocupe, meu querido... ele [o orador] tem para mais de meia hora... É o discurso do ano passado... Ninguém se dá conta da repetição..." (p. 122)

Tal item (o da repetição) submerge as populações numa espécie de *anestesia social*, que em certo sentido explica a passividade coletiva perante a feroz presença da PIDE (polícia política de Salazar), este olho repressor que tudo via e tudo censurava.

8. A pós-modernidade literária açoriana encontra-se representada exemplarmente pelo romance *Pátio d'Alfândega / meia-noite*, de Álamo Oliveira (1992); nesta obra, dotada de intensa intertextualidade, há a construção de um romance dentro do romance: o Poeta Porreirinho, ao falecer, deixa dispersas as páginas de um romance manuscrito e inédito, que seu amigo Patachão se encarrega de organizar e trabalhar para fins editoriais. Alternando duas vozes narrativas que se articulam complementarmente (o romance do Poeta Porreirinho e a trajetória de Patachão), Álamo Oliveira põe a nu uma sociedade marcada pelo provincianismo e a ganância, marcada pelos episódios da reconstrução da cidade de Angra do Heroismo, que foi destruída pelo terremoto de 1980. Já não se trata da representação de uma sociedade do passado, mas da atual,

com seus conflitos e ausência de perspectivas; neste caso, a consciência insular apresenta-se contraditória e perplexa, às voltas com as exigências da modernidade e do estar-europeu.

9. Derivada formalmente da literatura-mãe portuguesa (embora alguns o neguem), a literatura açoriana investe-se na atualidade de um agregado que, no campo da narrativa, possui autores que vêm obtendo o reconhecimento do *stablishment* cultural e o *status* de autêntica e definitiva literatura. Rompendo com os limites da *regionalidade*, constrói um arcabouço literário onde o universal se faz presente por discutir — no exame da experiência particular das ilhas — todas as ansiedades, espantos e esperanças do ser humano de todos os lados.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Cristóvão de. *Raiz comovida / A semente e a seiva.* Lisboa, 1987.**

ALMEIDA, Onésimo Teotónio. *(Sapa)teia americana.* 1983.**

ALMEIDA, Onésimo Teotónio. *A questão da literatura açoriana.* Angra do Heroísmo, SREC, 1983. (Col. Gaivota)*

ALMEIDA, Onésimo Teotónio. *Açores açorianos açorianidade.* Ponta Delgada, Signo, 1989.*

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Açores, uma literatura a considerar. *UNIÃO*, Angra do Heroísmo (Ilha Terceira - Portugal), p. 2-3, 14. out. 1992.*

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. José Martins Garcia. *O TELÉGRAFO*, Horta (Ilha do Faial - Portugal), p. 1-5, 5. fev. 1993. (Supl. Antília).*

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Memória da terra. *AÇORIANO ORIENTAL*, Ponta Delgada (Ilha de São Miguel- Portugal), p. 2, 22. jan. 1992.*

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Pátio d'Alfândega / meia-noite. *DIÁRIO INSULAR*, Angra do Heroísmo (Ilha Terceira - Portugal), p. 5, 16. mai. 1992.*

BETTENCOURT, Urbano. *Naufrágios e inscrições.* Ponta Delgada, Signo, 1987, p. 30.

BETTENCOURT, Urbano. *O gosto das palavras.* Angra do Heroísmo, SREC, 1983. (Col. Gaivota).*

BORGES GARCIA. *Por uma autêntica literatura açoriana.* Ponta Delgada, 1953. (Supl. de A ilha).*

DIAS DE MELO. *Pedras negras.* Lisboa, Vega, 1985.**

FREITAS, Vamberto. *O imaginário dos escritores açorianos.* Lisboa, Salamandra, 1992.*

MACHADO PIRES, António M. B. Para um conceito de literatura açoriana. *In*: *Raul Brandão e Vitorino Nemésio.* Lisboa, IN-CM, 1988.*

MARTINS GARCIA, José. *A fome.* Lisboa, Ed. Afrodite, 1977.**

MARTINS GARCIA, José. *Contrabando original.* Lisboa, Vega, [1983].**

MARTINS GARCIA, José. *Imitação da morte.* Lisboa, Moraes, 1982.**

MARTINS GARCIA, José. *Lugar de massacre.* Lisboa, Círculo de Leitores, 1992.**

MARTINS GARCIA, José. *Memória da terra.* Lisboa, Vega, 1990. (Col. O Chão da Palavra).**

MARTINS GARCIA, José. *O medo.* Angra do Heroísmo, SREC, 1981.**

MARTINS GARCIA, José. *Para uma literatura açoriana.* Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987.*

MELO, João de. *Autópsia de um mar em ruínas.* Lisboa, Assírio e Alvim, 1984.**

MELO, João de. *Gente feliz com lágrimas.* Lisboa, D. Quixote, 1988.**

MELO, João de. *O meu mundo não é deste reino.* Lisboa, Assírio e Alvim, 1983.**

NEMÉSIO, Vitorino. *Açorianidade. In*: *Insula.* Ponta Delgada, n. 7-8, 1932.*

NEMÉSIO, Vitorino. *Corsário das ilhas.* Lisboa, Bertrand, 1983.*

NEMÉSIO, Vitorino. *Mau tempo no canal.* Lisboa, 1944.**

OLIVEIRA, Álamo. *Até hoje / memória de cão.* Lisboa, 1988.**

OLIVEIRA, Álamo. *Pátio d'Alfândega / meia-noite.* Lisboa, Vega, 1992. (Col. O Chão da Palavra).**

RIBEIRO, Luís da Silva. *Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade.* Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1964.*

SÁ, Daniel de. *Ilha grande fechada.* Lisboa, Salamandra,1992.**

SILVEIRA, Pedro da. *A ilha e o mundo.* Lisboa, Centro Bibliográfico, 1953, p. 17.

VV.AA. *Conhecimento dos Açores através da literatura.* Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1988.*

*Textos consultados e/ou citados, a que se agregam textos sugeridos para uma introdução à literatura açoriana.

**Ficção narrativa referida neste artigo.